

RODRIGUES LAPA

OS VILANCICOS

O vilancico galego nos séculos XVII e XVIII

5(460.1)

Edição do autor
depositário: SEARA NOVA

LISBOA

1 9 3 0



BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

LAS PALMAS DE G. CANARIA

N.º Documento 517587

N.º Copia 889213

OS VILANCICOS

A TRADIÇÃO DO VILANÇICO GALEGO NOS SÉCULOS 17 E 18

Pronunciando-se há pouco sôbre os vilancicos dos séculos 17 e 18, existentes na Biblioteca da Universidade de Coimbra, escreveu o sr. Ernesto Donato, diligente funcionário daquele estabelecimento de cultura: «Se nada valiam, ou nada valem, sob o ponto de vista literário, na ensalada estrófica que os compõe, valem, pelo menos, como espécies bibliográficas que se tornaram raras»¹. Felizmente para nós e para os autores dos vilancicos, esta opinião está bem longe de ser verdadeira, como procuraremos provar. Oculta-se, por vezes, nesses singelos dramazinhos musicais uma poesia real, sentida e comunicativa, que falha tantíssimas vezes nas grandes obras literárias do tempo. O ponto está em procurá-la.

Guarda-se na Biblioteca Nacional uma imponente colecção de vilancicos, executados a maior parte deles na Capela Real de Música. É, que saibamos, a colecção portuguesa

¹ *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, IX (1928), pág. 96.

mais completa; por ela se pode fazer a história do vilancico, desde o ano de 1640 até ao primeiro quartel do século 18¹. Um impulso de curiosidade literária levou-nos a folhear esses fascículos, que mão piedosa e meritória fêz ajuntar. Finda a leitura, não pudemos deixar de reconhecer que, a par de conhecidas misérias de estilo e torturas de imaginação culteranista, que se verificam, aliás, nos melhores engenhos da época, há naquelas folhas envelhecidas arrebatamentos do mais puro lirismo e—o que mais é—reside nelas porventura a solução dum ou doutro problema interessante de história literária, de folclore e de versificação.

A grande maioria dos vilancicos é escrita em castelhano. Era moda, que vinha já de longe, e fôra naturalmente agravada pela dominação filipina. Não era fácil extirpá-la; os autores escusavam-se, afirmando aos ouvintes que se a língua era castelhana, a alma era portuguesa:

*Oygan, oygan lo que digo,
que sale flamante la xácara nueva,
por la lengua castellana,
por el alma portuguesa*².

O Dr. Mendes dos Remédios diz que aos vilancicos em português não falta certo cunho de graça³. Confessamos

¹ Num trabalho sobre os vilancicos, publicado na revista coimbrã, *Estudos*, 1923, pág. 5-24, 83-100, 141-180, perguntava o Prof. Dr. Mendes dos Remédios (pág. 24, n. 1): «Não haverá nas bibliotecas do país materiais para aumentar a nossa colheita? Outros o dirão». Este nosso trabalho constitui pois uma resposta, felizmente afirmativa, à pergunta do ilustrado professor, que teve à mão apenas 4 volumes da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

² 1657, *Imac. Conc. vil.* 2,—Cap. Real.

³ *Ob. cit.*, pág. 142.

impatrioticamente, que, à parte uma ou outra rara composição, por exemplo, o vilancico do Natal de 1641, *Muito quero àquelle minino*, as peças espanholas levam decidida vantagem às portuguezas em merecimento lirico. E era natural. Ao principio, os vilancicos portuguezes e galegos tiveram enorme aceitação em Espanha, sendo geralmente traduzidos para castelhano ¹. Depois, prevaleceu a língua da tradução e o seu uso, mais geral, communicou aos vilancicos um certo ar de mais à vontade; era emfim, digamos, como que a língua official do vilancico, como no século 13 o galego-português fora a língua official do lirismo.

A influência remota do vilancico indigena nota-se porém logo nos primeiros, que se cantaram em castelhano, na Capela de música de D. João IV. Êsse rasgo distintivo manifesta-se especialmente no emprêgo do verso de gaita galega, muito adequado ao baile, de saltitante que era e é ainda hoje, na deliciosa *muiñeira*. No vil. 2 do Natal de 1640, ressoam alegremente êstes versos:

*Pues que Dios nació para todos,
ande la tanda de unos en otros.
Taña Bartolo, y baile Llorente,
cante Martin y baile Vicente.*

.....

*Toquen los Marcos los atabales
y sociieguen un poco los Brases.
Toquen los Pablos los tamboriles
y descansen un rato los Giles.
Ande la fiesta y nadie se pare
y sociieguen un poco los Brases.*

¹ *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXVIII, pág. 211.

*Suene la gayta y todos se animen
y descansen un rato los Giles, etc.*

Por vezes, o 9-silabo associava-se ao 11-silabo, prova da afinidade ritmica destes dois metros diferentes:

*Zagalejos, baxad de la sierra,
venid al pesebre, corred y bolad,
que sus luzes dan luz a la noche
con el raro exceso con que alumbran ya ¹.*

A tradição dos antigos vilancicos dos *galeguinhos* perdura ainda na rusticidade intencional das scenas:

*Galeguiños, vení, vení,
tocando con la flauta y el tamboril*

*Venga todo galeguiño,
tocando con las sonajas, etc. ²*

e na persistência do uso da gaita galega:

*y toque Gil
el tamboril,
porque ya llega
la gaita gallega ³.*

¹ 1673, *Natal*, vil. 8. — Cap. Real. Para o estudo do ritmo anapéstico Cf. 1662, *Natal*, vil. 2, *Zagalejos, que estais en la sierra*; 1675, *Conceição*, vil. 2, *Quando el alva Maria madruga*; 1684, *Natal*, missa, *A los ojos del Niño amoroso*; 1691, *Conceição*, vil. 1, *Si en los otros mysterios ocultos*, etc.

² 1649, *Reis*, vil. 3. — Cap. Real.

³ 1674, *Reis*, vil. 4. — Cap. Real.

Mas, no séc. 17, o papel de galego começa a degenerar da simplicidade primitiva e o interesse rústico da sua figura começa de consistir na sua própria boçalidade, confundindo-se, a breve trecho, com o *ratinho*. Já então, estava em moda a idea injustamente pejorativa, atribuida ao galego:

*Nueva introdución parece,
mas no es mucha novedad,
que no es morisca algazara
ni gerigonça boçal.
Gitanos van al pezebre,
gallegos y todos van,
y a donde gallegos entran
quien ay que no pueda entrar? ¹*

E a sua avareza é celebrada, como elemento de pitoresco dramático:

*Señor, yo soy un gallego,
que al Niño traygo un panal,
y solo quiero saber
si me le querrá pagar.
Resp. Cerca del Signo de Virgen
essa miel viendose está,
mas siendo gallego, mártir
por no darla, usted será ².*

Este facto teve, quanto a nós, certa importância, para o emprêgo predominante do castelhano. O português parecia identificar-se com essa linguagem rude, que despertava

¹ 1642, *Natal*, vil. 7.— Cap. Real.

² 1688, *Reis*, vil. 3.— Cap. Real.

o riso dos ouvintes; razão de pêsso para ser, se não excluido, pelo menos discretamente utilizado.

Quem eram os autores dos vilancicos? Naturalmente os próprios músicos da Capela Real. Neles se continuava a bela tradição trovadoresca, na qual tão frequentemente o poeta era o músico das suas canções. A letra exigia certos conhecimentos teológicos, que só eclesiásticos estavam em situação de alcançar. Por isso não surpreende a alusão, que por vezes se faz a curas e sacristães fazedores de vilancicos:

*Hizo hablar la gaita Gil,
y Bartolillo el psalterio;
hablar le hizo de misterio,
al compaz del tamboril
y en estilo no civil,
cantó un romance del cura,
todo lleno de escriptura,
cômo auto sacramental¹.*

*Y escuche con atencion
unás alegres endechas,
con que ayudó a los pastores
el sacristan de Siguença².*

- I. *Olá, olá, zagalejos!*
2. *Que tiene, señor sacristan?*
- I. *Mas de dos mil villancicos,
que he hecho de ayer acá³.*

¹ 1667, *Natal*, vil. 2. — Cap. Real.

² 1646, *Natal*, vil. 9. — Convento da Graça de Lisboa.

³ 1648, *Natal*, vil. 6. — Sé de Lisboa.

Os vilancicos teem pois *escritura*, como não poderia deixar de ser, atento o seu fim de propaganda e educação religiosa. Por vezes até essa *escritura* é excessiva, porque põem na bôca de labregos, conceitos impróprios da sua boçalidade. Significa isto que os vilancicos não são obra popular, no sentido de criações do povo; são-no sim, no sentido de obra individual e de cultura, executada para o povo. Vê-se neles o esforço do autor, descendo até à mentalidade da turba anónima, que assistia ao acto. Essas representações, depois, tornaram-se populares, sem dúvida; os entremeses das nossas festas religiosas, ainda hoje, são uma prova irrecusavel dêsse facto. Ao princípio, porém, a dramatização dos mistérios da Igreja, demandava conhecimentos de doutrina e de técnica impossiveis de encontrar em outro meio, que não fôsse o de clérigos, mais ou menos cultos.

A mesma designação de *vilancico* só mais tarde, no século 17, teve um sentido teatral. Antes disso era uma breve composição, caracterizada por estribilho inicial, mais ou meños repetido no final da estrofe. Era, em summa, o delicioso *vilancete* dos séculos 15 e 16. Como o refran inicial, que é, em rigor, o vilancete, tinha por vezes, de acôrdo com a sua origem, uma feição pastoril, como se observa em Encina, começaram de se chamar *vilancicos* as composições músico-teatraes, onde entravam pastores, dançando e cantando os tradicionais vilancetes.

Em outro trabalho nosso, *Das origens da poesia lirica em Portugal na Idade-Média*, acentuamos já a importância dêstes cantares tradicionais, aproveitados como estribilhos dos vilancicos e reduzidos à forma simples de duas estrofes paralelisticas. Sob êsse aspecto, impõe-se um estudo mais atento ainda dessas composições, que são veiculos consciêntes do antigo lirismo peninsular. Certos exemplos parecem contudo indicar-nos que os seus autores tratavam por vezes

com sem-cerimónia a poesia popular, conservando apenas dela um fundo longinquo, distinto apenas pela forma:

*Eu sicais faço o começo
com cantiguinhas da Beyra,
como os meus Ratinhos dizem
ao Sol, quando há competência.*

ESTRIBILHO

*Meu menino dos meus olhos,
de cravo, de rosa, de ouro e de perlas,
ay, ay, ay.
Quando suspirais, sentis, soluçais,
gemeis e chorais,
ay, ay, ay,
a quem dais as queixas?
Bem mostrais no pranto
que dos olhos vos corre e a y-alma me chega,
ay, ay, ay,
quanto vos malhata,
ofende, lastima magoa,
ay, ay, ay,
esta nossa terra ¹.*

Remata o vilancico com uma folia beiroa:

*Demos fim c' uma dancinha
à guiza da minha terra,*

¹ 1646, Natal, vil. 9. — Conv. da Graça de Lisboa.

*quando se junta a folia,
que he a maior refestella.*

ESTRIBILHO

*Prezo me tem vossos bellos olhinhos,
ay rede vos vos tem esse lindo mirar:
ay, embaracey-me, desembaracey-me,
nunca me pude desembaraçar.*

É difficil, senão impossivel dizer o que é aqui popular; mas é evidente que o clérigo compositor se não podia afastar a olhos vistos da forma da cantiga beiroa.

Um outro vilancico traz a sub-rubrica *Popular*. O texto contudo parece não ter êsse carácter; supomos que a execução a oito vozes, cada uma das quais dizendo um louvor de Maria, é que é popular, dando a êste termo, tão vago, o sentido de tradicional:

1. *El cielo con luzes.*
2. *El fuego con llamas.*
3. *El ayre con plumás.*
4. *El mar con las aguas.*
5. *La tierra con flores.*
6. *Con frutos las plantas.*
7. *Las conchas con perlas.*
8. *Las minas con plata*¹.

A influência da poesia popular manifesta-se especialmente na imitação das cantigas de berço, género encantador, que produziu maravilhas tanto na nossa como nas lite

¹ 1693, *Conceição*, vil. 8. — Cap. Real

raturas estrangeiras. Podia formar-se um ramalhete fragrante, colhendo cantigas dessas no montão inexplorado ainda dos vilancicos. Uma amostra:

*Ayres lisongeros,
soplad quedito,
porque en brazos del Alva
duerme mi Niño.
No me le despertéis,
soplad passito,
que es amor desvelado
su amor dormido.
Soplad quedito,
no, no
despertéis a mi amor,
que hasta el Alva amorosa
le arrulla y le dize:
ró, ró, ró, ró, ró¹.*

Em português também se conservaram cantigas de berço, cujo perfume se sente ainda a distância. Veja-se esta, na qual a mão do literato, bem visível, não conseguiu perverter o carácter deliciosamente popular:

*Ay que se vay traz o choro
o menino de Belem.
Mas que lhe farei:
se sua mãe não o acala,
deicha-lo chorar tambem.
Deichem chorar ao minino,
deichem-no chorar, que eu sei*

¹ 1668, *Natal*, vil. 7. — Cap. Real. Cf. o vil. 6 de 1692, *Natal*: *Ayresillos, blando*, que duerme el niño, etc.

*que desafoga no pranto
todas as penas que tem,
porque,
porque até do choro alheio
um grande gosto lhe vem.
Mas que farei:
se sua mãe não o acala,
deicha-lo chorar também, etc. ¹*

Ainda uma outra sugestão popular vem embelecer os vilancicos, emprestando-lhes graça estranha, certo encanto misterioso. Tornara-se uso intrometer nêles *gitanillas*, po-

¹ 1703, *Natal*, vil. 5. — Cap. Real. Veja-se também o do Natal, 1719, vil. 3, da Sé de Coimbra :

*Ninay, meus lindos amores,
já que nessa cama dura
vossa mesma fermosura
vos fez a cama de flores.
Nina, nina, meu menino,
nina, nina, meus amores, etc.*

Nest'outra (1697, *Natal*, vil. 2. — Sé de Coimbra) presente-se a libertação dos moldes populares, mas nem por isso o jôgo da fantasia deixa de ser menos sugestivo :

*Pues ven, que reposa
rendido mi dueño ;
no impidan su sueño
el ave, la fuente, el viento y la rosa.*

*Un blando accidente
de amor le ha rendido,
no le hagan ruido
la rosa, el ave, el viento y la fuente, etc.*

Cf. ainda a interessante cantiga de berço portuguesa, 1683, *Natal*, vil. 5. Cap. Real.

bres ledoras de sina, que perante o presépio vaticinavam a sorte de Jesus. E por vezes dessa tradição saíam joias como esta, do mais puro e rescendente lirismo :

*Dáme una limosnica
a la gitánica,
el de lindos ojicos
graciosos y hermosos y enamoradicos.
Galan soberano,
dáme la mano,
más que la nieve pura,
de hermosicas amigo,
y verás que te digo
la buena ventura.
Ay que si,
graciosico mirar te vi
las lindas y bellas,
que tu te perderás por ellas
y ellas se morirán por ti¹.*

¹ 1645, *Natal*, vil. 8.— Cap. Real. A *gitanilla* é repetida e desenvolvida no vil. 3, Reis, 1651, Cap. Real :

*Y si escuchas mi buena ventura,
te diré que de amores mueres
y que a muchas ingratas quieres.
Ay que si, ay que si,
graciosico mirar te vi
a las bellas y lindas ;
tantas quieres, tantas miras,
ay que si, ay que si
graciosico mirar te vi
a las lindas y bellas,
que te perderás por ellas
y ellas se ganaran por ti.*

Cf. 1649, *Natal*, vil. 4 Cap. Real, onde é evidente um curioso para-

Os vilancicos estão, pois, penetrados de influências populares e é até esse exquisito dualismo que, quanto a nós, constitue o mais pitoresco e o mais saboroso do seu lirismo. Feitos para o povo, portadores de sugestões artísticas e religiosas, interessados na propaganda do culto, por via da música e da poesia, foram eles também, em certa altura, um panfleto vigoroso, que alimentou o patriotismo português durante as lutas da Restauração. Essa nota belicosa e nacionalista aparece, insistente, nos vilancicos de 1644:

*Folijai, minha vida,
como português,
não choreis por Castella,
que me matareis, etc.*

*Se por Castella, afligido,
minha vida, suspirais,
por meu amor tal não façais,
que não o tem merecido;*

lismo, que tem de ser tomado em linha de conta, quando se estuda a forma das velhas cantigas d'amigo a coros alternados. Juntem-se aos exemplos citados por nós no livro *Das origens da poesia lirica*, p. 191-3, mais os seguintes:

1. *Si lo he de dizir,
mucho tengo que reir.*
2. *Si lo he de callar,
mucho tengo que llorar*

1677, *Reis*, vil. 7.—Cap. Real.

*Quero pois cantar:
namorou-me o seu lavar.
Quero pois dizer:
namorou-me o seutorcer.*

1678; *Natal*, vil. 8.—Cap. Real.

*já em Portugal sois nacido,
melhor lugar que quereis?
Não choreis por Castella,
que me matareis ¹.*

Espelhando em quási tôdas as suas facetas a vida nacional, quadro policromo de costumes, havia também necessariamente de desenhar-se no vilancico a tendência absorvente da nação em mais de cem anos de prélios e de conquistas: a aventura e a poesia do mar. Em certos vilancicos, sobretudo nos dos dias de Natal e de Reis, assistimos a um animado scenário marítimo: a nau avança por entre a celeuma da marujada, ouvindo-se pitorescas vozes de comando, nomes rudes e estrepitosos, que ressoam hoje como um eco, bem doloroso, por sinal, da nossa passada grandeza ².

No que respeita pròpriamente ao valor literário dos vilancicos, é profundamente injusto o olvido a que têm sido relegados. Já dissemos que a fantasia e a retórica culteranista se apossaram dêles, como de tudo o mais. Essa influêcia verifica-se principalmente nos fins do século 17, principios do séc. 18, a época mais chata e delambida da nossa poesia lirica. Chega-se então a estes extremos:

*Si las aves la pi, pi, piden,
las campanas la dan, dan, dan ³,*

¹ 1644, *Natal*, vil. 3 — Sé de Lisboa. O vil. 6 está cheio de ardor patriótico, reflectindo o orgulho dos nossos triunfos militares.

² 1645, *Natal*, vil. 3 — Sé de Lisboa; 1670, *Natal*, vil. 1 — Cap. Real; 1672, *Reis*, vil. 8 — Cap. Real; 1682, *Natal*, vil. 1 — Cap. Real; 1683, *Natal*, vil. 4 — Cap. Real; 1700, *Natal*, vil. 3 — Sé de Coimbra; 1702, *Reis*, vil. 7 — Sé de Coimbra. Também é interessante o vilancico dos pescadores, 1666, *Natal*, vil. 6 — Cap. Real.

³ 1708, *Natal*, vil. 4 — Cap. Real.

só excedidos pelo horrível mau gôsto, que se nota, por exemplo, no vilancico de S. Gonçalo de Amarante:

*Gonçalo soberano,
el más santo y más grande
que por grande y por santo
oy te aman y amarante.
Amarante, ó, Gonçalo, etc.*¹

Deve porém notar-se que, dada a índole especial do género, a sua simplicidade, pelo menos em teoria, houve nos bons tempos uma tendência para evitar as demasias do gôsto reinante. É um aspecto literário interessante dos vilancicos, que reagiram, ao princípio, e foram talvez os primeiros a fazê-lo, contra a moda que a Espanha nos impunha. Há evidentemente nisso, além dum princípio de ordem estética, uma razão de ordem nacional:

*porque no quiere el Portal
ni versos de Conde Claros,
ni poeta Soledad*².

Tôda a moda, porém, é soberana e o vilancico não pôde deixar de se lhe submeter; mas nos primeiros tempos êsse lirismo conservou uma agradável compostura, que ao depois perdeu, no séc. 18. O gongorismo, não saindo da calha do bom senso, dá até à composição uma vida nova e ardente, de que a língua do séc. 16 seria talvez incapaz, por menos

¹ 1708, *Festa de S. Gonçalo, vil. 3* — Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, em Lisboa.

² 1642, *Natal, vil. 7* — Cap. Real.

plástica. Veja-se este belo trecho lírico, cheio de movimento, onde se espelha um verdadeiro sentimento da natureza:

*Alegrando, riendo, sale la Aurora,
ni la noche la sigue, ni perlas llora;
los montes dora.*

*Avezillas, al monte bolad aprisa
y vereis de la aurora la risa;
salid a los prados, que pinta y matisa,
coged açucenas, que el ayre granisa,
y vereis de la aurora la risa,
que el orbe dorando
y abrilas vertiendo,
alegra riendo,
como otras llorando:*

*ay, ay, ay, con que gracia viene ostentando
alegria sin pena, risa sin llanto.*¹

Seria interessante fazer um estudo do sentimento da natureza nos nossos vilancicos. Apresenta variadissimas formas, mas tôdas elas se resumem neste tipo fundamental: a gala da natureza pelo nascimento de Jesus ou pela Conceição de Maria². Em alguns dêles, como no que se segue,

¹ 1680, *Conceição*, vil. 5. — Cap. R.

² A tradição festiva de Maio era por vezes utilizada para o Natal, dando-se a confusão interessantíssima dos dois motivos, como se vê deste lindo estribilho:

1. *Ay, ay, ay, zagalejos!*
2. *Que ay?*
1. *Ay que viene el mayo.*
2. *Que más ay?*
1. *Ay que viene galano.*
2. *Que más ay?*

o misterio inefável da noite sagrada, tem uma expressão inexcédível:

- I. *Que tiene esta noche que tiene,
que admira y suspende? !*
2. *Que tienen las flores,
que en deziembre brotan olores?*
- I. *Que tienen las aves,
que ansi cantan dulces y graves?*
2. *Que ay en las estrellas,
que parecen más puras y bellas?
Que tiene la luna,
que no viste sombra ninguna?
Que tienen los hombres,*

- I. *Por padrino de un prado.*
2. *Diga que más.*
- I. *De un pradillo de rosa.*
2. *Diga que más.*
- I. *Que agora se desposa*
2. *Diga que más.*
- I. *Con una Reyna hermosa,
hija de la Primavera :*
2. *Ay, Jesus, que linda ribera !
Toquen a olores
tañan a flores,
repiquen a albores,
porque el mayo floreciente,
el pradillo adoleciente,
el cristalillo luziente
todo se alegra y enamora,
todo luse entre arreboles,
la noche como la aurora,
la aurora como la noche.*

*que del cielo gozan favores?
Que tienen las fuentes;
que, admiradas, el curso detienen? ¹*

Noutro, a forma é mais breve, mas não talvez menos pitoresca, tocada como está dum leve gongorismo de bom gôsto:

*Campanillas se hazen las flores,
viendo al Alva reir y llorar:
 din, dan;
y cantando los ruseñores
 dizen amores
 a un bello zagal ².*

E porém Maria, que arranca aos autores dos vilancicos os acentos de mais soberba inspiração lírica. Nêles, a Virgem simboliza a alva imaculada, de que se gera o sol magnífico, Jesus. A idea, expressa tantíssimas vezes, alcança formas inesperadas e graciosíssimas:

1. *Niña, decidme porque
 si al sol os andais, tan hermosa sois?*
2. *Yo lo diré:
 porque delante del sol madrugué,
 y soy la morena
 y el alba del sol ³.*

Fr. Jerónimo Gonçalves, que, com Fr. Francisco de Santiago, Gabriel Dias, Gery Ghersem, Manuel de Tavares,

¹ 1645, *Natal*, vil. 3. — Cap. Real.

² 1649, *Natal*, vil. 8. — Cpa. Real.

³ 1692, *Conceição*, vil. 8. — Cap. R.

Gonçalo Mendes de Saldanha e Carlos Patinho, foi dos mais fecundos compositores de vilancicos, é o autor d'êste delicado poema mariano, cheio de originalidade :

1. *Por la callè de las gracias*
2. *passe la más bizarra.*
1. *Por la calle de las dichas*
2. *passe la más lucida.*
1. *Passe plaça de parida,*
la vara florida,
la Virgen Madre.
2. *Passe pues com ello sale.*
1. *Passe, plaça de donzella,*
aurora y estrella
del sol que sale.
2. *Passe, pues con ello sale.*
1. *Passe, plaza de hermosura,*
colar sin cultura,
beldad sin arte.
2. *Passe pues con ello sale.*
1. *Passe por cielo mi lodo,*
passe por sol su cabello,
que, pues se sale con ello,
se podrá salir con todo, etc. ¹

Para celebrarem a formosura e a pureza singular de Maria, os poetas lançavam mão das tintas mais raras da paleta e usavam as imagens mais imprevistas e engraçadas. Ora se finge Maria ir à fonte com as outras, que caem e ela não :

¹ 1645, *Natal*, vil. 5. — Cap. R. Cf. *Index da Livraria de música de D: João IV*, pág. 338.

1. *Al passar del arroyo
cayeron todas.*
2. *Si, cayó, zagalejos,
la Niña hermosa?*
3. *El donayre, la perla, la rosa,
no, no,
essa no cayó,
que un galan como un oro
la mano le dió.¹*

Ora se imagina uma caça matutina às pombas, na qual só uma escapou à rede do passarinho:

1. *Caçador, que la red has tendido
a las palomas de mi palomar,
dime, quantas has cogido?*
2. *Todas quantas han salido,
sin que ninguna se pueda escapar.*
1. *Pues una paloma que al Alba retrata
con alas de prata²
vistiendose plumas de rayos del sol,
buela por el prado!*
2. *Essa sola se ha escapado
de la red y su rigor.*
1. *Que por essò cantando al Albor
motetes suaves,
le dan parabienes,
le llaman las aves*

¹ 1689, *Conceição*, vil. 6. — Cap. R. É de Fr. Francisco de S. Tiago. Cf. *Index*, pág. 213.

² Evidentemente no original estaria *plata*. Nós damos porem a lição tal qual consta dos vilancicos impressos.

*del prado la Reyna,
la rosa y la flor.*¹

Ou então o poeta, para mostrar com evidência a perfeição inatingível de Maria, serve-se desta linda imagem:

*En la idea de Dios se ha formado
la Niña pura ;
y a su exemplo salieron estrellas,
el sol y luna.
Como quando un artifice labra
un copo de oro,
que despues de perfeto aprovecha
los breves polvos,
ansi fueron el sol y la luna
y las estrellas
desta Imagem divina los polvos
y ella la pieça.*²

Do que dissemos e do muito que resta ainda por dizer, resulta que os vilancicos, longe de serem puerilidades, tem um valor muito especial na nossa história literária. Convém estudá-los com atenção científica, explorar a mina rica do folclore neles contida, os pontos curiosos de contacto com o auto pastoril vicentino, e examinar certas particularidades de linguagem popular, que podem lançar alguma luz sobre o conhecimento da evolução da língua.

Damos em apêndice uma edição dos vilancicos galegos, ou pretendidamente tais. Modificámos o menos possível,

¹ 1666, *Conceição, vil. 4* — Cap. R. É também de Fr. Francisco de S. Tiago. Cf. *Index*, pág. 215. Foi cantado várias vezes.

² 1701, *Conceição, vil. 2* — Cap. R.

quási nada, a lição original, onde há manifestamente muitos erros, que nem sempre pertenceriam ao autor ¹. Não deixa de ser deveras interessante que num tempo em que na Galiza não havia pròpriamente literatura, a sua rústica lingua e os seus pitorescos bailados fôssem cultivados aqui em Portugal. Prova do inquebrantável laço espiritual que nos une e se reconhece ainda hoje na prometedora ressurreição do lirismo galego.

A questão da autoria dos vilancicos galegos oferece dificuldades bem delicadas. O *Index* da livraria musical de D. João 4.º dá-nos, é certo, um ou outro elemento, que nos permite, por vezes, fixar nma autoria; mas resta saber se o

¹ Sob este aspecto, é interessante notar que podem diferir os exemplares dos vilancicos, impressos no mesmo ano e na mesma officina. Exemplo curioso está na missa dos vilancicos do Natal, de 1642, impressos na casa de Domingos Lopes Rosa. Há dois exemplares na Biblioteca Nacional. Num (Res. 189 P):

*Festejai na terra,
inda que Deos chore ;
pois los anjos cantan,
ufalalã, fulijay, fulijay,
pois los anjos cantan
bem podem los homes.*

Noutro (Res. 200 P.):

*Festejai na terra
inda que Deos chore :
pois los anjos cantan,
ufalalã,
fulijay, fulijay
responden los homes.*

No final, o primeiro traz: *bem podem os homẽs*; o segundo: *bem podem os homes*.

vilancico é obra inteiramente pessoal ou se há nele um fundo tradicional, que os poetas-músicos do séc. 17 retocariam e ampliariam, ao sabor dos caprichos da sua inspiração e do seu gôsto. A comparação dos dois vilancicos de Natal, o de 1640 e o de 1645, êste último atribuído pelo *Index* a Carlos Patinho, parece dizer-nos que havia motivos tradicionais, *motes galegos* (Cf. 1668, Reis, vil. 5), que os poetas exploravam com maior ou menor liberdade. De resto, a forma arcaica da versificação, o paralelismo insistente, fortalecem a conjectura, dando-lhe quási foros de certeza. Nos últimos vilancicos, sobretudo nos de Coimbra, sente-se já um desvio inevitável, que se acusa no artificioso da linguagem e na influência escolar do ambiente.

O problema da linguagem dos vilancicos merece um estudo à parte, que não será feito sem canseiras, nem hesitações. Em teoria, a língua é a galega; aparece com razoável integridade especialmente nos estribilhos iniciais, que representam o tema tradicional, conservado de geração em geração. Mas os autores não podiam limitar o vilancico a êsses refrans antigos; tinham de o desenvolver por meio de *coplas*, da sua lavra. E empregavam então uma linguagem híbrida, uña gerigonça, que pretendia confundir a fala popular do ratinho com o galego, misturando-lhe não raro uma boa porção de castelhanismos. Esta confusão é já nítida no primeiro vilancico do Natal de 1640:

*Ay, desta boa dita
folgai-bos solteyros,
que os ratiños oje
salen de esporteiros.*

De resto a linguagem ratinha de então, e no geral a linguagem popular do norte do país, era um guia de certa segurança para os autores, que disso tinham consciência,

pois que continuavam a sobreviver na fala rústica portuguesa arcaísmos, próprios da linguagem de Além-Minho. Mas, a-pesar das desfigurações várias, por que passaram os vilancicos, — sabe Deus quantas devidas à negligência tipográfica! — da inelutável influência do castelhano, que de resto já se dava e em alta escala no próprio galego, os autores nunca perderam inteiramente o sentimento do galeguismo da linguagem, denunciado pelos doces deminutivos em *-inho* e pelo emprêgo de vocábulos nitidamente galegos: *fai, esbaçoar-se, crareza, fror, nai, neno, pesebriño, pracenteiro*, etc.

A sua publicação, pois, em edição acessível e em grupo, não pode deixar de interessar vivamente as literaturas galega e portuguesa. No fim de cada um, vai uma ou outra nota, esclarecedora do texto ou justificativa das poucas alterações nele introduzidas.

VILANCICOS GALEGOS

VILANCICOS GALEGOS

En terra de terra
Deito arriba o
E o do Cebreiro,
Deito e do d'ouro
Do mar galego
Deito e do fenecho
Que d'ouros oiro e oiro
Deito e deito, deito
E faga un mundo
E é deito un mar
E parados le day
Que faga o mundo
Que deito e deito
E parados le day
Deito e deito, deito e deito
Deito e deito
Deito e deito
Que deito e deito, deito e deito
Que deito e deito, deito e deito

VILANCICOS GALEGOS

I

*Beña nora buena
o ceo para a terra.
Beña minha vida
e seja de Galicia.
Beña o Sol divino
que nace garridiño.
Beña o Sol fermoso
que nace como un ouro.
Beña o lume, beña,
e fujão as tenebras. 10
E à bela sua May
o parabem le day :
Que faga a mantiña
que bole a palliña.
o parabem le day, 15
tangey, tocay, sonay a gaytiña.
Sonay a frautiña
tangey a baijon
que me retinha, retinha, retinha
que me retiña, retiña o som. 20*

COPLA 1.^a

*Ay, de la miña terra
beño eu contente
porque Deos do Ceo
he já meu parente.
Ay, beño a ber o niño 25
que he tam bonitiño;
beño a ber o niño
porque he galantiño.
Ay, galeguiños nobos 30
que estays em Belem,
ryense los ceos
folgay bos tambem.
Ay, suas lagrimiñas,
por amor choradas,
peroliñas foron 35
por mim derramadas.
Ay, faseme una saya
chouteyra, chouteyra,
para dar a bolta,
bolta na ribeyra. 40
Beña, etc.*

COPLA 2.^a

*Ay, pelo fermosiño
niño como un ouro,
trocarey as niñas,
niñas dos meus olhos. 45
Ay, todas som estrelas*

as suas palliñas
todas som estrelas
as suas fayxiñas.
Ay folgome eu, folgome 50
de minha bontade,
pelo Sol que nace
com tal claridade.
Ay, desta boa dita
folgaybos solteyros, 55
que os ratiños oje
salen de esporteiros.
Ay, beñobos co sayo
chouteiro, chouteiro
para dar la bolta 60
bolta a lo ligeyro.
Beña, etc.

1640, *Natal*, vil. 8. — Cap. R. V. 11, *Máy*. Supomos uma lição errónea por *mai*, ou talvez ainda por *nai*. Deve ler-se evidentemente *palhinha*. Cf. *coalladas*, III, 27. V. 38, *chunteira*. O adjectivo, não mencionado em todos os dicionaristas galegos, significa «proprio para dar saltos.» V. 55, *de esporteiros*. Não sabemos se se trata dum nome geográfico, se do adjectivo *desporteiros* = alegres, folgazões, que não vimos contudo em nenhum dicionário galego.

II

*Otra volteta Pero Fernandes,
Otra volteta antes que vos vades.*

Ay,

*ande el adufe,
ande la gaita, 5*

ande el salterio,

con ta sonaja

vaya de baile,

ande la dança,

el cascavel y guitarra, 10

el tamboril y la flauta,

vaya de gusto pastor,

que aun para reirse

madruga el Sol.

COPLA I.^a

*At son del Minho y Mondego 15
bailai, pois Deos nace já,*

Galego, que pouco vá

de galileo a galego ;

desde casadinho ao crego

muestre sus habilidades 20

Outra volteta, etc.

COPLA 2.^a

*Solo un galego qual nós
fizera lo que Deos faze,
pois entre mula e voi nace
como galego, aunque Dios; 25
vailemos de dos en dos
celebrando sus deidades,
Otra volteta, etc.*

1641, *Natal*, vil. 9. — Cap. R. De Carlos Patinho. No *Index*. p. 218 vem dado como português. As duas coplas são uma mistura bárbara de galego e castelhano, ao passo que do v. 4 a 14 é puro castelhano. Significa isto, quanto a nós, que o poeta procurou traduzir para castelhano um velho vilancico galego, ao qual acrescentou um trecho de sua lavra.

III

*Veña embora, veña
o ceo para a terra.
Veña miña vida
e seja de Galicia.
Veña o Sol divino 5
que nace garridiño.
Veña o Sol fermoso
que nace como un ouro.
Veña a lume, veña
e fujam as teniebras; 10
e à sua beltz may
o parabem lhe day,
que está já garridiña
e fica donzeliña;
que colle peroliña, 15
que foi já a mantiña;
que bulle a palliña,
tangei.
Sonai a gaitiña
tangei a frautiña 20
Tocai o baijon,
que me retiña, retiña o son.*

COPLA I.^a

- I. *Ay fazeime una saya choteira
para dar a bolta na ribeira.*

2. *Ay de la miña terra veño cá
porque Deos do Ceo veim de lá.* 25
3. *Ay, suas peroliñas coalladas
lagrimiñas foiron choradas.*
4. *Ay, galeguiños nobos en Belem,
riense os ceos, folgai bos ben.* 30
5. *Ay de la miña terra he vindo yo
e son eu galeguiño con perdon.
Veña embora, etc.*

COPLA 2.^a

1. *Ay por o fermosiño niño douro
trocaré as mininas dos meus olhos.* 35
2. *Veño com o sayo choteyro
para dar la bolta a lo lijeiro.*
3. *Ay, todas son estrelas as pallas
e os ceos por as boltas as fallas.*
4. *Ay, desta boa dita solteiros
salen os ratiños de esporteiros.* 40
5. *Ay, folgome de boa bontade
por o sol de tanta claridade.
Veña embora, etc.*

1645, *Natal, vil. 6.* — Cap. R. De Carlos Patinhø. V. 10-11. Entre estes dois versos anda no original um meio verso, *veña e seja*, sem o menor sentido, que consideramos erro de impressão. V. 11, *mã*. V. 29, *galegiños*. V. 31: supomos que *yo* estará por *ôy, ôi*, que seria mais ga' lego, embora na pausa conviesse antes *oxe*.

COPLAS. I

*Como un oiro tene la risa,
bastalhe ser lo millhor de Galiza.*

Como un oyro es la sua madre, 25
bastalhe ser galeguinho seu padre.

Estríb. Como un oiro, etc.

*Como un oiro es la companha,
bastalhe ser do millhor da montanha*

Como un oiro está brincando, 30
bastalhe ser galeguinho fidalgo.

*Como un oiro se adormece,
bastalhe ser galeguinho de Orence.*

Estríb. Como un oiro, etc.

1645, *Natal*, vil. 8. — Sé de Lisboa. De Fr. Francisco de Santiago. V. 1, *Fime*, que não oferece sentido. *Fui-me* também serviria, mas a forma *fun* é mais galega. V. 5; trata-se evidentemente de Martinho modificado por marabacti.

V

*Ay repicai, miniña, o pandeiro,
que fazer hũa festa queiro.*

COPLA 1.^a

*Ay pelo bem da gente galega,
Deos ha nacido de a Virgẽ bella :
ay, repicai, etc.*

5

*Ay por o gosto de huma paridiña
fazer queiro una mudanciña :
ay, repicai, etc.*

COPLA 2.^a

*Ay en o Ceo os Angeliños
gloria cantando le dan a mi niño ;
ay, repicai, etc.*

10

*Ay cantando copriñas a coros
os cantorsiños festejão a todos :
ay, repicai, etc.*

*Ai pois fica o minino na terra,
festejai, cantorsiños de Lerma:
ay, repicai, etc.*

15

1646, Natal, vil. 3. — Cap. R. De Gabriel Dias.

Na grande colecção cronológica de vilancicos, cantados na Capela Real de D. João IV, existente na Biblioteca Nacional, faltam os da noite de Natal do ano de 1646. Estão porém, segundo supomos, no volume 200 P. dos Reservados, embora sem frontespício. V. 1, *minina*. V. 2. *queiro* (quereo, forma de que há pouquíssima documentação Cf. VII, 11) e que explica o composto *requiero*. Cf. J. J. Nunes, *Compendio de gramática histórica portuguesa*, p. 340, n. 1; J. Cornu, *Grammatik d. port. Sprache*, 2.^a ed. p. 111.

VI

*Se entre todas las naciones,
que a Dios buscando se ban,
bamos tambien los gallegos
para o poder festejar,
porque dizen que he nacido
o rei dos galegos já, 5
he grande bentura a nossa
termos Rey nado acá.*

*A Belen partamos logo
a ber o lindo infansan, 10
deixemos nossos ganados
que el los saberá guardar.
Porque yo pensava ser fuego
sendo noite de luar
que andaça no meu palleiro, 15
mas he fogo celestial.*

*Dai a Deos ho cachoupinho,
e que fermoso que está!
meos olhos e o coraçon
de prazer queren saltar. 20*

*Ay, pois que cheguei a belo,
a el le tengo de cantar
unas cantigas galegas
para o poder alegrar:
Ay meo Rey, meo Senhor, 25
meo lindo fidalguinho,*

*ay morrome por bós,
porque sois galeguinho ;*

ó meo namoradinho,

ay morrome por bós,

30

porque sois galeguinho.

Sois o mais donoso,

mais belo e mais fermoso

que de Ourence bino :

ay, morrome por bós,

35

porque sois galeguinho.

COPLA I.^a

*Se en noite tan fria
nacestes al frio,*

ay, sofrendo rigores

por mi, siendo niño,

40

não choredes, meu bem.

não choredes, meu lindo,

ay, que vossos amores

me tenen rendido.

ay, morrome, etc.

45

COPLA 2.^a

5 *Os olhos que vos ben,
os olhos que bos biron,*

ay, em seus coraçõẽs

bos lebão consigo ;

e he tanto o gosto

50

10

que traigo comigo,

COPLA 1.^a

*Galegos de la montaña,
corred a Belen prestiño
donde nasce un galeguiño* 25
*que no ay beleza tamaña :
non llegue la gente estraña,
que ya suena por ahí.
galeguiños, veni, etc.*

COPLA 2.^a

En una dança muy vela 30
*benga Domingos baylando
y Bartolillo cantando
con fraytiña e churumbela,
porque o Demo se desvela,
dayle rabia por aquí.* 35
Galeguiños, veni, etc.

COPLA 3.^a

*Vayan a ver el garçon
los mas honrados galegos,
e la capela de os cregos
cantando kirúleison ;* 40
*campanillas, hagan son,
pòis nasce Dios para mi,
galeguiños, veni, etc.*

1647, *Natal*, vil. 6. — Convento da Graça de Lisboa. De Fr. Jerónimo Gonçalves, também atribuído a Fr. Francisco de Santiago. V. 13, son. Adoptámos a forma analógica *von*, popular ainda hoje. Cf. XV, 37, *bon*.

— Cornu, *Gram*, p. 115; Nunes, *Compêndio*, p. 347, n. 2.

VIII

*Ay miña nay, o galeguiño nobo
nã sei que se ten que todo he como ñ oiro.*

COPLAS

*Pois chora nos brasinhos
da noba paredinha,
ay, querole acabar 5
con a minha violiña.
O galeguiño, etc.*

*De uns olliños belos
cada una lagrimiña,
ay, una flecha es d'oiro, 10
que passa a alma minha.
O galeguiño, etc.*

*Quando me quer falar,
ay, abrindo a boquinha,
ay, una concha mostra 15
de aljofar e perlinhas.
O galeguiño, etc.*

IX

*Ay, ay, he minha vida,
nace en Belen.
ay, repicai, cantay, folijâi, tangei!*

COPLA 1.^a

*Ay, galeguinhos, galeguinhos, ay,
festejai e dai saltinhos, 5
o cordeiro dos arminhos
perdoando pecadinhos
pera a terra dos Ceos bem.
ay, repicai, etc.*

COPLA 2.^a

*ay, soe, soe a guitarrinha, 10
pandeirinho e mais frautinha,
rabelinho e guitarrinha,
pois a bela pastorsinha
meu cordeiro em braços tem.
Ay, repicai, etc. 15*

X

*Ay minha flor que naceis de una estrella,
Ay morrome de amores por vós e por ella.*

COPLA 1.^a

*Queiro darvos musiquiña,
com pandeiro e com frautiña,
com guitarra e rabequiña, 5
cascavel e churumbela.
Ay, morrome de amores, etc.*

COPLA 2.^a

*Minho sol da fror nacido,
que fermosa e vós garrido
sois do campo mais frorido 10
vós lirio, ella açucena.
Ay, morrome de amores, etc.*

COPLA 3.^a

*A vós e a la paridiña
vos fará una panadiña
com mel e com mäteguiña,
torregiñas muito bellas.
Ay, morrome de amores, etc.*

COPLA 4.^a

*Minha terra não vos nego,
vos será de mais socego;
e achareis nella galego* 20
*que vos faga muitas festas.
Ay, morrome de amores, etc.*

COPLA 5.^a

*Folgarcis vos de manida
com a gente que he comprida,
e mais como a sua vida* 25
*vos querem toda la terra.
Ay, morrome de amores, etc.*

COPLA 6.^a

*Si de frio as lagrimiñas
son, meu ben, as galeguiñas
para fazervos mantiñas* 30
*serom martas todas ellas.
Ay, morrome de amores, etc*

1650, Natal, vil. 3. — Cap. R. V. 8, *minho*. É uma forma interessante de pronome possessivo masculino, que ocorre no *Cancionero musical*, de Barbieri, n.º 72. Era freqüente nos vilancicos galegos como se deduz dum de Gabriel Dias, *Miño pay se me deu a comer* (Index, p. 181) e doutro de Fr. Francisco de Santiago, *Ay miño Señor* (Index, pag. 205). V. 13, *a la* deverá considerar-se uma forma arcaica e não um castelhanismo. V. 15, *matequiña*. Supomos erro e por isso modificámos. V. 29, *galegiñas*. V. 30, *faservos*. É manifesto que o *s* aqui é surdo, equivalendo à grafia *facervos*. Cf. *brasinhos*, VIII, 3; *pastorsinha*, IX, 13, etc. V. 23, *de manida*. Não conseguimos averiguar o sentido desta expressão.

XI

*Si al nacer o Minino se yela,
 por miña fé que lo proba la terra.
 Si en la nieve o Minino se abrasa,
 por miña fé que faz fogo na palla.
 Si o chorar do solciño me alegra, 5
 por miña fé que su Manto es de perlas.
 Si o fogo tiritita, ay,
 mas si a nebe queima, ay,
 si o solciño chora, ay,
 e sua mãy le engeita, ay, 10
 por miña fé que lo proba la tierra.*

COPLAS

1. *Si en la palla tiritita o Minino,
 préstale poco nascer soleciño.
 Si a la risa del Alva solloça,
 préstale poco que nasca de Aurora, 15
 ay, ay, ay.
 Si en mismo calor le no bale,
 préstale poco que un Boy me le abahe.*
2. *Si me chora el amor peroliñas,
 váleme mais que venir de las Indias, 20
 ay, ay, ay.*

- Si a la tierra se baxa la gloria,
vãleme mais que a riqueza da frota ;
ay, ay, ay.*
- Si en la palla o Minino se deita,* 25
*vãleme mais que lo trigo das eras.
Si al nascer, etc.*
3. *Si los Angeles baxan tan sedo,
yo apostaré que es en baxo lo celo.
ay, ay, ay.* 30
- Si de noite o solciño relumbra,
yo apostaré que ha nascido la luna,
ay, ay, ay.*
- Si no medio da noche amanece
yo apostaré que jamás anochece.* 35
4. *Si o solciño se mostra garrido,
quérole ben pois me quita o frio.
ay, ay, ay.*
- Si o pastor cordeciño suspira,
quérole ben pois velando nos silva,* 40
ay, ay, ay.
- Si o cordeiro ha nascido na terra,
quérole ben por la paz que nos deixa.
Si al nascer, etc.*

1661, *Reis*, vil. 5. — Cap. R. V. 5, *solciño* é a pura grafia galega para o deminutivo. Formas interessantes, quenão aparecem nos dicionaristas : *cordeciño*, *silva*.

XII

*Ay, de aquela vanda, ou desta
falame una Santiaguesa.*

COPLAS

- Ay, de aquela, ou desta vanda,
falame una galegada.*
- Ay, si fermosa he sua Nay,* 5
en os ceos ten seu Pay.
- Ay, garridiño he o Garzone,
mais que o fillo do conde.*
- Ay, jaze en o portal o miniño
con a mula y o vecerriño.* 10
- Ay, covodoneiro o chaman,
vamos a la sua mallada,
Ay, fermoso he garridiño,
jaze en o Pesebriño.*
- Ay, fermosura agrazada,* 15
trillando vay a palla.
- Ay, paridiña he a donzella,
e a Nay como una estrella.*
- Ay, veñe a la nossa teirra,
en a noite pracenteira.* 20

*Ay, inda que en a teirra nace,
angeles dos ceos o apracen.*

*Ay, fican dos seus pucheiros
os homens pracenteiros.*

Ay, mais que os de Compostela 25
y a sua parentela.

*Ay, fermosura tamaña,
mal grado foy que praña.*

*Ay, seus olhos son tan belos,
que las almas rinde co elos.* 30

*Ay, está muy pracenteiro
todo o mundo enteiro.*

*Ay, pela nossa campiña,
tangei sedo a gaitiña.*

Ay, tangelde o pandeiro. 35
que ele se fará galego.

*Ay, si he sua Nay tan bela
solo pode ser galega.*

Ay, de aquela vanda, etc.

1664, *Reis*, vii. 5. — Cap. R. Acentuado carácter galego e poucos castelhanismos. O berço deste vilancico foi certamente a região de Santiago de Compostela.

V. 5, *Nāy*, erro evidente por *Nay*. O mesmo nos v. 18 e 37.

V. 9, *minino*. V. 11, *covodoneiro*. Não pudemos dar com a significação desta palavra. V. 19, *veñe*, forma interessante, explicável por analogia com *veño* e *veñen*.

XIII

*Dou a Deos a bella Madre,
que tem nas pallas o Neno, Ay
e o pario tão bem creado,
tão roliço, atão bem feito. Ay*

Ou como escralege a noute, 5
como está luzente o Ceyo, Ay
que bejo folgar cachopos
co a nebe dos outeiros.

Samicas come he contente
com o Neno o Santo Belho, 10
e co cachopo nos braços,
mais se fará mancebo.

Garulho da minha y alma,
non choreis com tanto afeito,
que se chorais por ser frio, 15
a Nay vos dará manteyo.

Se tendes medo da mula
pardés que co este foeyro,
lhe chantarei entre as cruses
Samicas bom pão de perro. 20

*Senon quizer estar quedada,
pescude que lho arrequeiro,
que nom me bulla nas palhas
do cabeçal nem do enxergo.*

Mas pois bos bejo tão triste 25
*por jazer nesse prisepio,
bem será que a minha gaita
bos alegre cum folguedo.*

ESTRIBILHO

Ay, ay, ay,
tocay, tocay 30
*a gaita do folle
que a y-alma me bolle
porque andão tartaranhois
com sendas mil avejois*
ós empuxois 35
*lá por riba dos canissos ;
tocai a gaita cos pittos,
que gosta a Nay
e o Santo Belho:*
samicas que ria o Neno. 40

1666, Natal, vil. 5. — Cap. R. V. 13. Repare-se no fenómeno comum ao português do norte e ao galego, representado na grafia d'êste último, *minha y-alma*. Cf. v. 32, *a y-alma*. V. 34, ou *sendos* ?

XIV

ESTRIBILHO

*Ay que assi bailan os galeguinhos
ay que assi cantan no portaliño,
ay que assi tangen os sôezinhos,
que fasgen gana de bailar ;
ay, ay, ay!*

5

*Ay que assi bailan pello meu Neno,
ay que assi cantan motes galegos,
ay que assi tangen sôes gaiteiros,
que fazem boltetas dar ;
ay, ay, ay!*

10

*De seu cabo cada qual
face arada ; e andar, andar !
Ay, Bertolo, toca la gaita,
e baila Domingos de gana.*

COPLAS

*Veña Brás, veña Llorente,
veña toda a nossa gente,
tanjan un sôezinho quente
para poder-nos quentar.*

15

*Ay, Bertolo, toca la gaita
e baila Domingos de gana.*

20

*O gaiteiro do lugare
non lhe deixe de tocar,
que son tantos a bailare,
que cheo vejo o Portal.*
Ay, Bertolo, etc. 25

*Toque un tono regalado
ao Cordeirinho deitado,
de quem nós somos seu gado
e elle nosso maoyral.*
Ay, Bertolo, etc. 30

*Cantar quero húa cantiga,
pois a gaita assi retiña,
que fará, por vida minha,
hum rouquecido cantar.*
Ay, Bertolo, etc. 35

*Mingo day otra bolteta
mais em riba e mais perfeita,
e logo huma çapateta
que a sola faga estalar.*
Ay, Bertolo, etc. 40

*Ben o fai ó Zagaliño
e cada seu regaliño
lo ponga no pesebrinho
e o Neno a bençon lhe dá.*
Ay, Bertolo, etc. 45

1668, *Reis*, vil. 5. — Cap. R. v. 31, *húa*, verdadeira forma galega, grafada modernamente *unha*, que está longe de valer a antiga e única verdadeira, que alguns escritores galegos, como Correa Calderón, adoptam já. V. 31, *cantina*. V. 32, *retina*. Cf. I, 19-20, III, 22, VII, 19.

XV

*Dous galheguinhos de estante,
mey garsonc escoitay,
cá por cantarem de bea,
querem dois bersos cantar.*

*Nom lhe troscáis o rostinho
cá neste termo nom hay
home de prol ca os empralhe,
samicas no muziquear.*

*Nom som mui fortes as boces,
mais os redobres som tais,
ca nom há pardal nem grilo
que nom fique morto atrás.*

*Oybinos, pois que a Cartilha
xi bos comessão a ler já,
tomay tudo de mermolia,
se abeis mermolia ficar.*

*Se inda sondes tão chequinho,
que esbaguandobos estais,
quem bos meteu, mey garsonc,
querer co amor retoisar?*

*Pois tende santa parciencia,
nom choredes, que o senhor Pay
quer queo que bós nom comestes,
benhais agora amargar.*

5

10

15

20

Porem nom bos agastedes, 25
ca xi bos bem alegrar
toda canta caterbada
por este comberso jaz.

Antoino, trage a oitaba,
non lexes a y-arte lá, 30
que sobre o sol dois ponteiros
quero agora solfejar.

ESTRIBILHO

Ay, ay, ay,
ha baylar e á cantar
benhom toidos do loigar, 35
ay andar,
ca me bon pello ré mi
atrependo ao fá, si, lá,
ora andar, andar, andar,
que o sol já nacido jaz. 40

Sayon todos, abofé,
benhon festejar e ber
como é luzidete,
como é garridinho,
como é resplandente
como é fermosinho:
ay, ay, ay,
serigui, guerigay,
repeni, pinicay,
as gaitinhas e os tambores, 50
as oitabas e as bioylas,
as soalhas e os rabotes,

*genebras e castanhoylas
e toda a mais traquinada ;
saÿa hoje a fuliança* 55
*e aqui fasma ponto a dança,
perque está
rebinchando por oibirme
o Neno oitra bês cantar.*

SEGUNDAS COPLAS

Disguei-me, meu neno, 60
*assim bos bejais
libre das fragueiras
que o imberno fás.*

O que bos parece
do nosso urnejar, 65
*ca 'stó rebinchando
por sabello já.*

Esta nossa solfia
se é oitro cantar,
onde a bos se esteira 70
té nom poder mais.

Ei, se nom me engano,
cuido bós estais
rebendo em oybirme
contra-pontejar. 75

*Porque o que lá bejo
nesse bossó oylhar,
me dá na matoita
que bos alegrais.*

Oyra, mey garstone, 80
já que bos aprás,
eisme torno à dança
co pão de roncar.

Ha cós asovios
e o arpeo, que faz 85
nesta foiliança
a toidos pasmar.

Isto se é galhofa
porque tuido o mais
nom bal duas copras, 90
dois alhos nom bal.

1674, Natal, vil. 7.— Cap. R. V. 22, choreos. V. 62, frageiras. V. 66, castó. Talvez fosse melhor ainda *castó*. Notem se os seguintes vocábulos populares, não constantes dos dicionários usuais: *bea*, *rebinchar*, *empralhar*, *caterbada*, *comberso*, *traquinada*, *fragueiras*, *urnejar*, *rebendo*, *esteirar*, *matoita*, *pão de roncar*.

XVI

*Pois que no bale bos bejo
esta noute Maruxinha,
ximpar bos ei boas nobas
se me ximpardes albrixas.*

Quanto agora num pringremos 5
*nem bos temais a bós minta,
porque agora som berdades
todas as minhas mentiras.*

Hibos de falar a ponto,
há, por Deus! inda que diga 10
*que bi andar por o chom
mais estrelas que fromigas.*

Era quagi meya noute,
quandó o Ceo rilba num rilba,
antes de sahir a y-alba 15
para a terra o Sol indilga.

Eu mais balente que todos
com catarruxa e sobina,
por sermos mais triscadoras
fumos as mais atribidas. 20

*E no feo do palheiro
garridote às maravilhas,
lobregamos o garsote
em braços da mãy garrida.*

Oh! binde, por bida vossa, 25
*ber o vem da nossa bida,
pois cantar todos savemos,
a cantarle huma cantiga.*

ESTRIBILHO

Meu garridi, ay garridinho, ay,
como, se sois todo sol, 30
estais tremendo de frio?

COPLAS

*Em que bos bejo tam pobre,
sendo tam bello Menino,
nessa pobreza em que estades
nem sei que sondes mais rico.* 35
Meu garridi, garridinho, etc.

*Ay bós galeguinho sondes,
inda que sois cachoupinho,
pois huma mula e um voy
tendes por bosso avrigo.* 40
Meu garridi, etc.

*Se tam grande senhor sondes,
inda que tam pequenino,
como, se estais feito homem,
bos bemos tanto Menino?*

45

Meu garridi, etc.

*Se sois da terra e do Ceo,
porque sondes infinito,
se de toda a parte sondes,
sede como nós ratinho.*

50

Meu garridi, etc.

1696, *Natal*, vil. 5. — Sé de Coimbra. Também neste vilancico se verifica a confusão do galego com o ratinho: *Ay bôs galeguinho sondes* (v. 37), *sede como nós ratinho* (v. 50). É curiosa a forma arcaica e galega actual *estades*.

XVII

*Oybe elle, sor estudante,
 bossê bay tomar postilla?
 Con friage num me astrevo,
 mas fasquerlh'ei companhia.*

Eu poicas vezes adrego 5
*a bir à liçon de prima,
 mas se tem cor de tomalla
 vom com folgança infinita.
 Save vossê a que hù neno,
 chantado numas palhinhas,* 10
*de infinitima sabença
 nos bem dar erara doutrina.
 Eu bira-o com folgares
 mas sicais he zombaria,
 que hum neno qae he tam cachopo* 15
*adregue a ter tais noticias.
 Num dubide que o crianço
 tam arte tam perlingrina
 que save mais que os doitores
 da sagrada astrillogia.* 20
*Ay mays talvez que num seja
 tam letrado como affirma;
 eu me atrevra apostar
 num sabe ler a cartilha.
 Benha bossea e berá* 25

*a crareza com que exprica
os misterios mais fundeiros
que com gran sabença ensina.
Estou já todo amerado
de oibir essas maravilhas ; 30
bamos bello, que esse neno
debe ser hum quevra quinas.*

ESTRIBILHO

*Bamos com folgares
com prazeres e grandes folias
para ver esse Neno, que acrara 35
escuras misterios com craras doitrinas.*

COPLAS

*Oylé, que deste doitor
de sabença tam tamanha
eu num bejo mais que hum neno
chantadinho numas palhas. 40*

*Nessa proveza ensina
doitrina rara,
donde despressa humilde
ricas alfayas.*

*Que decrina estar chantado 45
entre duas alimarias?*

*Par Deus que da palha toda
nam ham de leixar migalha.
Por les deixar soverbas
assi se ultraja 50*

- porque mostra a sabença
entre ignorancias.
Elle jaz nu sem cuberta,
por certo a sabença he fraca
que não dá para bestir* 55
*a quem ensina e decrara.
Como a berdade ensina,
assim se trata,
porque a berdade nua
melhor se alhana.* 60
*Estar chantado sem roipa
a friagem tam contraria,
num me cheira a ser sabença.
nim coiza de gram maranha.
Como tem a fogagem* 65
*de amor tamanha
não teme nebes frias
a ardente chama.
Pois se elle de amor ensina
tam solenias marabalhas,* 70
*amemos nós este neno
com todo o amor de y-alma.
Mas ay, neno querido,
cegueira ingrata,
que pagamos incessos* 75
*com esquivanças.
Bamos com folgares, etc.*

1700, *Natal*, vil. 3. — Sé de Coimbra. Define-se já aqui a transformação do vilancico galego; a misticidade do pastor é tomada como elemento de riso. A influência do meio escolástico também se denuncia perfeitamente. V. 9, *a que*, melhor talvez, *aque* = eis aqui, advérbio usedíssimo em textos galego-portugueses dos séc. XIII e XIV. V. 24, *lear*, erro evidente por *ler* a. V. 48, *desleixar*.

XVIII

- I. *Oh! balhame som Silbestre,
a tracanada que bay
lá per Brelem donde escoito
que o Neno nacido jaz.
Ex me bon ber o cachoipo,
ca se elle nos bem vuscar
samicas eu nom pertendo
andar de cá para lá.
Oy lá, pardés, que a folgança
xi bus anda no portal* 10
*tom aseza que me esgano
já por quatro boltas dar.
Es marmelega cá mossos,
à par dobre, que elles dam
taes reboltas que me espasmo
de bê-los cabrioylar.
Oyra pois, galeguinhos,
bamos, andar ;
ca me estoiro e derrengo
por me ber já lá.* 20
2. *Que dizes, galego tonto, ;
quem te mete a ty falar
naquilo que não entendes
e que nunca entenderás?*
- I. *Boa bay a xirinola,
bofé, quem o mete cá?* 25

- Nom sabe que a esterlogia
me salta por los ilhaes?*
2. *A cauza porque to advirto
he porque nacido está* 30
*em Belem hum Deus menino,
que tudo pode mandar.*
1. *Tenha bossé mão no ponto,
nom queira folosufar,* 35
*porque se elle poide tudo,
oybirme vem poderá.*
2. *Chega, pois, galego, atento
que he certo te ouvirá*
hum menino que he brandura,
a quem canta a terra paz 40
1. *Ea pois, leixe contrendas
e bamos sem retardar*
*a fasguer huma folgança
ao neno celestial.*

ESTRIBILHO

- ay, ora anday,* 45
*Galeguinhos do loygar,
a comprasguer,
bamos fasguer
huma refestela ao Neno,
ca em Brelem nacido jaz.* 50

COPLAS. I

*Oy lá, tenham mam bosseas,
que lá bejo hum non sey quê,
ca me dá cá na matoita*

- que esta a choça bem a ser.*
Bejo todo luzidio 55
hum caixoipinho bofé,
que já faz milhenta brincos
com a caveça, mãos e pez.
Bejo estar huma donjela
como huma ayrora, pardez, 60
tom sazuda e tom sabera,
ca nom parece mulher
Bejo hum bello reberendo
que espoizo debe de ser,
porque se está delambendo 65
de ber o neno jazer.
Bejo a muila e o voy vento
a sorventa couzas, que
me fasmus cahir o bentre
de contento e de prasguer. 70
Oyra pois já que chegamos,
fasmus sem nos deter
huma refesta ao cachoipo,
que se espasme de nos ber.

BAILE

- Oylá, mey cachoipinho,* 75
nom me choredes, nom,
ca já por alegrarbos
milhentas boltas dom.
Ay nom, nom, nom,
que me estoyra o coiraçom. 80
Toque a biola Antom
y a arpa Baltezar,
Catarucha o pandeiro

e os assovios Vraz.

Ay, ay, ay, ay, 85
Galeguinhos, saltay, bailay,
andemos com a folgança,
tempere-se o baixom
e benha a caterbada,
ay nom se detenha, nom. 90

Ay nom, nom, etc.
Antremos de retrempe,
porque o Neno que já
ximpado nas palhinhas
esbagoandose está. 95
Ay, ay, ay, etc.

ESTRIBILHO

Ay, ora anday, etc.

XIX

- I. *Ou Gonçalo? Que será
tanta grita que oiço e oibes?
Que será? Disgue, que o medo
já no estângamo me vole.*
2. *Pardelhas, Anton, num sey* 5
*que he isso que bay no monte,
que tudo son corredelas,
tudo vulha e tudo bozes.*
- I. *Se seron ladrões, que bem
roivar os nossos alforges?* 10
*Prasga a Deos que num me lebem
o jubom e o pelote.*
- TODOS. *Verbum caro factum est
et habitavit in nobis.*
- I. *Que disguem, Gonçalo amigo* 15
*que disguem os cantadores?
Que disguem que num entendo
flamengos à meya route?*
2. *Eu tambem os num entendo:* 20
*debem de ser franchinote's;
mas tornemos a escoitalos
de mais perto, que isto 'he longe*
- TODOS. *Verbum caro, etc.*
- I. *Que vem caro o fato he,
bem disgendo os triquis troques?* 25
Vem disse eu que o nosso fato

- querem roibar dos alforges.*
- TODOS. Puer natus est nobis
- I. *Nata querem, meis fidalgos?*
Como, senhores muy nobres, 30
disgueinos que nata he essa
que bindes pedindo a bozes?
- Lo que a vozes os han dicho*
es que ha nacido esta noche
el niño mas soberano 35
que se ha visto en el orbe.
Y ansi venid adorarle,
llegad, dichosos pastores,
al Infante que ha nacido,
hombre, Dios, señor y pobre. 40

ESTRIBILHO

- Ay, repiniquemos a gaita do folle*
que bem Deos a matarnos a fome.
Ay, ay, ay
Repiniquemos o nosso pandeiro,
que bem Deos a salvar os galegos. 45
Ay, ay, ay.
Repiniquemos a nossa pandorga,
que bem Deos a pincharnos na grolia.
Ay, ay, ay.

BAILE

- Senhor Neno, quem bos trouxe,* 50
nosso Infante celestrial
a nacer, sendo tam grande,
como pobre num portal?

*Ay, que bejo hum rey estar pobre,
porque tudo nos quer dar.* 55

*Dãinos licença, meí nenno,
que do nosso pigural
por gosto, huma oferta
bos fasquemos cada qual.*

Ay que bejo, etc. 60

*Trás Gil mum voa mantiga
e mum vom leyte Paschoal ;*

*trás Gaspar hum cordeirinho
e trás hum vom queijo Vrás.*

Ay que bejo, etc.

*He quanto temos de nosso,
porque hum pastor num tem mais ;
perdoay a confiança,
day disso à Senhora Mãy.*

ESTRIBILHO

1702, *Natal, vil. 3.*— Sé de Coimbra. Nêste vilancico é notável o carácter messiânico do estribilho, que é, de resto, a parte mais genuinamente galega do vilancico.

XX

1. *Ou compadre? Ou do eido?
Falais ou zomvais comigo?
Ou compadre?*
2. *Quem vatoca
nas foronhas do enxido?* 5
1. *Som eu, nom me conhecedes?*
2. *Perdoai, compadre amigo,
que se estoibera acordado
bos nom falara dormindo,
que paroubela bos troxe,
que caizo ou que confrito?*
1. *Huma coiza nunca bista,
hum fracaisso nunca oibido.
Oibi bós a esgaralhada,
sicais bereis que num minto:
som muy fortes cantadores,
gorgolejam mum suvido* 15
2. *E donde hiron tom gaiteiros?*
1. *A Velem bam dar consigo,
e disguem à voca chea
que o Menssias he já bindo.* 20
2. *Samicas tendes razom,
porque agora de improbizo
fuy salteado de hum sono,
que me disgue tudo isso.* 25

1. *E que bos dixe, compadre?*
2. *Ëe hum caizo muy ferismo,
tende mam na minha arenga,
bereis como bolo pinto.*

COPLAS

<i>Sonhei que huma dongela, que era lá dos doze triblos, entre humas palhas chimpára o mais velo caxoipinho.</i>	30
<i>Diz que entrara e que sahira da mãy, tam velo e garrido assim sem tirar nem por como entra o sol pello vrido.</i>	35
<i>Ou, para melhor disguer, como entra e sae hum nabio, sem leyxar rastro nas aygoas, por donde fez o caminho.</i>	40
<i>Estremunhado do sono, pesquizei pello enxido: no ar huma lumieira, que era um gosto nuuca bisto.</i>	45
<i>No entrementes pellos ares andabam huns cachoipinhos, que com suabes motreques Grolia neycelsis dizion.</i>	
<i>Probicabam nesses orbios, cantando como huns anginhos, que a mãy já era raynha e o cachoipo rainho.</i>	50
<i>E se elle tem tanto mando,</i>	